

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A CAPELA DE SÃO ROMÃO DA CITÂNIA DE BRITEIROS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1968 | Número: 78

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, A Capela de São Romão da Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães*, 78 (1-2) Jan.-Jun. 1968, p. 107-111.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A Capela de São Romão da Citânia de Briteiros

Por MÁRIO CARDOZO.

Tal como se vê em muitos dos nossos montes, especialmente no Minho, também no alto onde assentam as ruínas da Citânia de Briteiros existe uma velha ermida a coroá-lo.

Vinda de um longínquo passado, esta prática de erigir, em lugares cimeiros, humildes templos cristãos, quase sempre alvejando, caiados de branco, para que de longe se avistem, e em sítios ermos, posto que alguns como este da Citânia tivessem sido habitados em remotos tempos — terá sem dúvida obedecido primitivamente a uma intenção com profundas raízes em antigas crenças religiosas ligadas ainda de certo modo aos cultos de divindades indígenas que antecederam a expansão do Cristianismo no mundo ocidental.

A este fenómeno religioso deu o célebre explorador das famosas ruínas de Briteiros, Francisco Martins Sarmento, a seguinte interpretação:

«É um facto provado que a erecção de capelas e ermidas na maioria dos castros deve a sua origem ao propósito deliberado de fazer esquecer um deus ou deusa que ali dominou, por um taumaturgo de religião nova» (1). E, como testemunho material desta afirmação, acrescenta: *«Na Citânia foi encontrada uma pequena estátua (Fig. 2), que sem dúvida alguma representava uma divindade ali adorada»* (2).

(1) F. Martins Sarmento, «Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães», *Revista de Guimarães*, vol. I, 1884, p. 168.

(2) *Idem, ibidem*, nota 16.

Onze anos volvidos após a publicação daquelas linhas, voltava Martins Sarmento a insistir, na «Revista de Guimarães»: «É para mim muito provável que as capelas construídas nos altos mirassem principalmente a desalojar algum culto idólatrico ali radicado, e que só deste modo podia ser dissolvido lentamente» (1). E, em nota da mesma página:

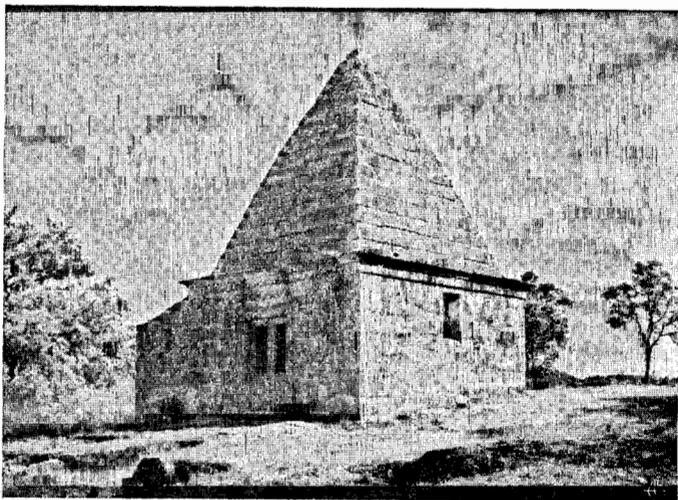


Fig. 1 — A actual capela de S. Romão, na Citânia de Briteiros.

«Para prova bastará lembrar uma estátua aparecida na Citânia, hoje no Museu de Guimarães, e que não pode ser senão de uma deusa (2). No alto vê-se agora a capela de S. Romão. Quando se quer sol ou chuva, traz-se a estátua do santo (Fig. 3)

(1) F. Martins Sarmento, *Op. cit.*, vol. XIII, p. 151.

(2) A estatuetta, de granito, proveniente da Citânia, foi ali encontrada por Sarmento em 22 de Maio de 1876, conforme deixou anotado no seu Diário das escavações. Tem 45 cm. de altura, e, pela indicação dos seios, denota ser uma representação feminina, na qual Sarmento julgou ver qualquer divindade ligada ao culto das *Matres* (Vide «Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães», *Revista de Guimarães*, vol. XXI, p. 5).

da capela para a igreja da freguesia, ou leva-se da igreja para a capela (1).

A opinião que ao espírito esclarecido e lúcido de Martins Sarmiento surgiu quanto à explicação desta prática da construção de capelas isoladas no cimo dos montes, também por outros cientistas posteriores a Sarmiento tem sido perfilhada, como se pode verificar, por exemplo, neste período do grande arqueólogo espanhol, Prof. Dr. Juan Maluquer de Motes, ao aludir à Cultura castreja do Noroeste da Península: «*Obsérvese en los nombres de dichos castros la aparición de un elemento cristiano que nos muestra como fueron sustituidos los antiguos cultos locales por la dedicación de ermitas cristianas*» (2).

É curioso verificar que na Citânia de Briteiros, e noutros montes e lugares, este hagiotopónimo de *São Romão* está ainda de certo modo ligado aos tempos da ocupação romana do território, pois que *romão* é sinónimo de *romano* e de *românico* (3). São Romão foi bispo de Ruão e morreu por meados do século VII, quando na Península ainda certamente persistiam muitas práticas religiosas vindas do paganismo (4).

A actual capela da Citânia foi construída há 115 anos, em 1853, com o dinheiro de esmolos então recolhidas para esse fim, e por iniciativa de um tal Manuel José da Silva, conforme reza o apontamento inédito do insigne diplomata Abade de Tagilde, lançado num manuscrito pertencente ao Arquivo de Reservados da Biblio-

(1) F. Martins Sarmiento, *Op. cit.*, vol. III, p. 151, nota 1.

(2) Juan Maluquer de Motes, «Pueblos celtas. La Cultura material de los pueblos del Noroeste peninsular», *História de España*, dirigida por R. Menendez Pidal, Madrid, 1954, t. I, vol. III, p. 82, nota 5.

(3) Existem no nosso país umas quarenta localidades com os nomes de *Romão*, *Romãos* e *São Romão*. Só no Concelho de Guimarães contam-se cinco, respectivamente nas freguesias de S. João das Caldas de Vizela, Oleiros, Serzedo, Tagilde e Ronfe.

(4) No século VI ainda S. Martinho de Dume, apóstulo da conversão dos Suevos, condenava, no seu tratado *De correctione rusticorum*, os costumes populares impregnados de práticas gentílicas (Vide António Ambrósio de Pina, «S. Martinho de Dume e a sobrevivência da mitologia suévica», *Actas do Colóquio Bracaraense de Estudos suévico-bizantinos*, in *Bracara Augusta*, 1958-59, vol. IX-X, p. 58).

teca da Sociedade Martins Sarmiento (1). Porém, muito anteriormente à construção desta ermida, já no alto da Citânia existia outra, que, em meados do século XI, se encontra mencionada no inventário dos bens do Mosteiro de Guimarães, mandado elaborar por Fernando Magno em 1059, mas que certamente viria de um passado muito mais distante (2).

Estava essa primitiva capelinha situada a uns 50 metros a N. E. da actual, no lugar onde ainda hoje se encontram os seus alicerces, de planta quadrangular e modestas proporções, quase um simples oratório (Fig. 4). Tem no meio um cruzeiro em cuja base está gravado o seguinte dístico:

AQUI FOI A / ANTIGA CA/PELA DE S. ROMÃO

Muito próximo, do lado do sul, existem ainda também ali algumas campas revestidas de lageado (Fig. 5), certamente construídas, como a velha capela, com materiais da Citânia, já então talvez total ou parcialmente desabitada.

A actual capela (Fig. 1), que interiormente se encontra em lamentável estado de abandono, com as madeiras apodrecidas e o altar já sem quaisquer objectos do culto (3) é, contudo, com suas paredes e cúpula de pedra em forma de pirâmide de base quadrangular, de uma sólida estrutura. A ideia dessa maciça cobertura de pedra obedeceu certamente à finalidade de resistir à

(1) P.^o João Gomes de Oliveira Guimarães (Abade de Tagilde), *Guimarães. Apontamentos para a sua história (Freguesia de S. Salvador de Briteiros)*. Manuscrito da Bibl. da Soc. M. S., Vol. 2.^o, p. 20.

(2) *Portugalia Monumenta Historica, Dipl. et Chartae*, n. 420, ou *Vimarani Monumento Historica*, n. 45, p. 47 e nota de p. 52: «Villa briteiros...et heremita in illo monte uocabulo sancto romano...». Também esta capela vem citada na obra do Prof. Dr. Avelino de Jesus da Costa, *O Bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*, Coimbra, 1959, vol. I, p. 80 e vol. II, p. 57.

(3) A romagem que no dia 9 de Agosto se realizava a São Romão, na sua capela da Citânia, há bastantes anos que deixou de efectuar-se, o que veio em favor da conservação das ruínas arqueológicas, pois quase sempre, nesse dia, os romeiros ali praticavam avarias e destruições.

violência do vento e temporais que, durante a época invernosa, varrem o alto do monte, desamparado em todos os quadrantes; e a estranha forma piramidal adoptada seria possivelmente resultante de uma pretensão que o promotor da sua construção tivesse manifestado de imitar, em miniatura, um dos túmulos reais do Egipto, suggestionado por algum pseudo-erudito local, talvez o próprio abade da freguesia, que suporia a antiguidade das ruínas da Citânia da mesma época das monumentais pirâmides faraónicas!

O vértice da pirâmide da curiosa capela foi pelos Serviços Geodésicos adoptado como ponto trigonométrico, marcando os 336 metros da altitude do lugar.



Fig. 2 — *Escultura encontrada por Martins Sarmento na Citânia, durante as escavações de 1876. Altura 45 cm.*

(Museu de «Martins Sarmento». Guimarães)

Fig. 3 — *Imagem de S. Romão em madeira policromada, procedente da capela do monte da Citânia de Briteiros. Altura 27 cm.*

(Museu de «Martins Sarmento». Guimarães)

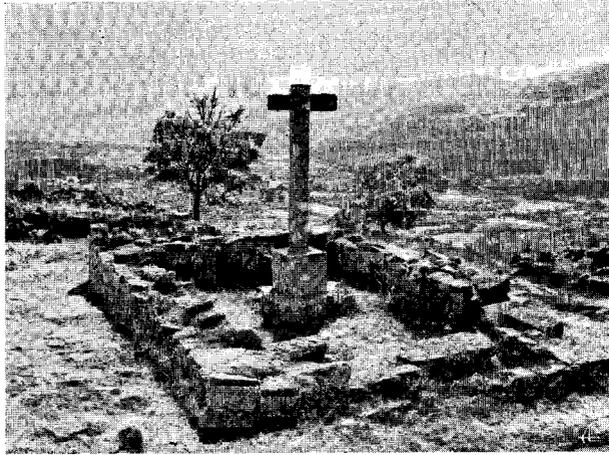


Fig. 4 — Cruzeiro de pedra com inscrição na base, indicando o local onde existiu a primitiva capela de S. Romão, na Citânia de Briteiros.

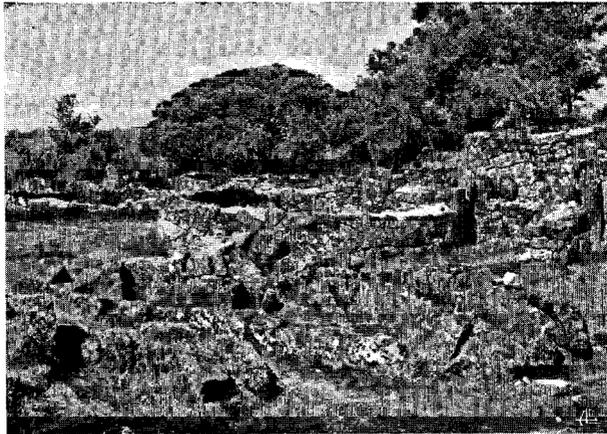


Fig. 5 — Sepulturas cristãs, junto dos restos dos alicerces de casas redondas e da antiga capela da Citânia.